

CONVERSA

12 OUT Quinta às 18h30

Pessoa e a Psicanálise

**Com José
Martinho**

Moderação de Ana Sanganha

Auditório

Há muito tempo que queria vir a esta Casa, não como turista, nem como visitante de um museu ou de uma biblioteca, mas como um convidado especial, para falar da conversa fictícia que tenho há mais de quatro décadas com aquele que morou aqui durante os últimos quinze anos da sua vida (1920-1935).

Como Pessoa já faleceu, resta-me agradecer à Ana Braga este primeiro convite que me foi feito, em nome desta instituição, e da sua atual diretora, Clara Riso. Quero também agradecer à Ana Sanganha por ter aceitado moderar a minha palestra. E, *last but not least*, o meu agradecimento ao vasto público que enche este Auditório.

Vou começar por contar uma anedota que Fernando Pessoa anotou, que Tereza Rita Lopes descobriu e Ricardo Araújo Pereira divulgou, para falar — apoiando-se em Freud — do humor de Pessoa¹. Pela minha parte, queria retomar essa anedota para fazer dela uma parábola da relação de Pessoa com aquilo que chamou o “freudismo”.²

A literatura inglesa abunda em histórias de crianças tristes e maltratadas. A história que Pessoa conta é a do filantropo inglês Never Was, que, passeando à noite numa estrada, viu uma criança agachada perto de uma árvore, escondida ou querendo esconder-se. Preocupado com a situação, o filantropo avançou no escuro e perguntou à criança: quem és tu, como te chamas? José, respondeu o menino. Tens pai joesinho, e mãe? Não, respondeu o menino. Então com quem vives tu? Com uma tia minha. Ela trata-te bem, bate-te? Às vezes. Fugiste-lhe? Não, diz o menino. Então o que fazes aqui? Estou cagando!

Existem ainda muitos psicanalistas que se pensam como filantropos. Nesse caso, Fernando Pessoa podia encontrar-se no lugar do menino que satisfazia a sua necessidade fisiológica, independentemente da sua condição familiar e da ajuda de qualquer prosélito. Mas, como escritor, aquilo que Pessoa precisava expulsar para fora de si ou publicar era o que obrava, especialmente os pedaços de textos que iam parar diretamente à Cloaca Máxima da civilização, ao esgoto por onde escoo o imundo que o mundo rejeita.³

¹ Para facilitar o acesso do leitor às citações, procurarei, sempre que possível, reenviá-lo para documentos que se encontram atualmente disponíveis na internet, como é o caso do seguinte: https://www.google.pt/search?q=ricardo+araujo+pereira+sobre+Pessoa+l&sca_esv=572820686&sxsrf=AM9HkKlzw3JzrBLCIQTely-NCwEC9z2TdA%3A1697103546281&ei=ur4nZa3IEIGZkdUPw6u0iA0&ved=0ahUKEwitqpewm_CBAxWBTKQEHCmVMDdEQ4dUDCA8&uact=5&oq=ricardo+araujo+pereira+sobre+Pessoa+l&gs_lp=Egxnd3Mtd2l6LXNlcnAijXJpY2FyZG8gYXJhdWpvlHBicmVpcmEgc29icmUgUGVzc29hIGwyBBAjGCcyBBAjGCdIhxpQqgRYvxRwAXgBkAEAmAGhAaAB7A2qAQQxNC41uAEDyAEA-AEBwgIKEAAYRxiWBBiwA-IDBBgAIEGIBgQBGU&scient=gws-wiz-serp#fpstate=ive&vld=cid:15b056ef,vid:e7QWxsDhLTk,st:0

² Agradeço à Daniela Americano por me ter lembrado recentemente essa anedota.

³ Na página 138 do meu ensaio *Não há sossego*, lembro que Pessoa/Bernardo Soares escreveu o seguinte: a “alma humana não é porventura mais que o raio de sol que brilha e isola do chão onde jaz o monte de estrume que é o corpo” (<http://arquivopessoa.net/textos/3885>). Acrescentai a esse propósito o que diz Álvaro de Campos, a saber, que “a alma humana é porca como um ânus” (<http://arquivopessoa.net/textos/1032>). Encontramos nessas duas passagens da obra de Pessoa a ideia que a sublimação se processa a partir do que se apresenta no corpo como porco, em particular ao nível da zona erógena envolvida na necessidade excrementícia e no gozo anal.

Ouso falar da relação de Pessoa com a psicanálise sem ter sido o psicanalista de Fernando Pessoa. Quando ele morreu, eu ainda não tinha nascido. Mas será que se tivéssemos vivido na mesma época podia ter tido a sorte dele me pedir uma análise? Não creio, pois Pessoa fez dizer a Álvaro de Campos que queria “existir sem Freud nem aeroplanos”.⁴

Também não sou um biógrafo de Fernando Pessoa⁵, nem um especialista da sua obra, como os exploradores da arca perdida que escarafuncham os documentos do espólio e tentam publicá-los o melhor que podem.

Sou, sim, o psicanalista de um certo número de outras pessoas, e apenas um leitor de Pessoa, entre outros. E considero que todo o verdadeiro leitor de Pessoa tem direito à sua leitura. A minha leitura não é, pois, a Leitura, aquela que excluiria todas as outras.

Pessoa é dos poucos escritores que leio ainda hoje com grande prazer e estupefação. Quando descubro um inédito seu, ou quando releio um texto já conhecido, deparo-me quase sempre com algum equívoco que me espanta e deixa perplexo.

Mas como sou psicanalista, acabo sempre por perguntar em que é que a literatura que Pessoa escreveu em seu nome e de outros pode contribuir para melhorar a prática psicanalítica.

Começo por responder a essa pergunta lembrando o que dizia a quem ouve e mal escuta: “Tu, que me ouves e mal me escutas, não sabes o que é esta tragédia! Perder pai e mãe [...] não ter um amigo nem um amor – tudo isso se pode suportar; o que não se pode suportar é sonhar uma coisa bela que não seja possível conseguir em ato ou palavras”.⁶

(https://repository.library.brown.edu/studio/item/bdr:1153878/PDF/?fbclid=IwAR0QZR4FNVw-ISFuWEz_Vzox-Tg0qJBFuim1QEFgfNgfNvRt3Qz8css2z2c).

⁴ <http://arquivopessoa.net/textos/3349>. Álvaro de Campos, Bernardo Soares & Co. são nomes do que Pessoa chamou a sua “dispersão unificada” (<http://arquivopessoa.net/textos/3593>).

⁵ A esse propósito, posso lembrar o que escreveu: se, depois de eu morrer, quiserem escrever a minha biografia, não há nada mais simples. Tem só duas datas — a da minha nascença e a da minha morte. Entre uma e outra coisa todos os dias são meus” (

<http://arquivopessoa.net/textos/996>). Ou, ainda, “a minha vida gira em torno da minha obra literária - boa ou má, que seja, ou que possa ser. Tudo o mais na vida tem para mim interesse secundário” (<https://docplayer.com.br/21029900-A-minha-alma-gira-em-torno-da-minha-obra-literaria-boa-ou-ma-que-seja-ou-que-possa-ser-tudo-o-mais-na-vida-tem-para-mim-interesse-secundario.html>).

⁶ Fernando Pessoa. *Livro do Desassossego*. Lisboa: Tinta-da-China. Coleção Pessoa. 3.a ed. p.121. Aproveito a nota para lembrar que o designado “Livro do Desassossego” — que na realidade não é um livro — teve quatro autores fictícios a partir de 1913 — Fernando Pessoa, Vicente Guedes, o Barão de Teive, Bernardo Soares e outra vez Fernando Pessoa — e as seguintes edições:

- Edição de Pedro Veiga (Petrus) – (páginas escolhidas) Arte & Cultura, 1961, 94 p.
- Edição de Jacinto do Prado Coelho – (recolha e transcrição dos textos de Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha) 2 vol. Edições Ática, 1982.
- Edição de António Quadros – 2 vol. Publicações Europa-América, 1986.
- Edição de Teresa Sobral Cunha – 2 vol. Presença, 1990.

O psicanalista é alguém que escuta ou que não se limita a ouvir. Ele escuta, ao pé-da-letra, aquilo que diz cada analisando. Escuta o analisando queixar-se da sua dor de existir, falar do seu tédio e da sua fantasia, o seu pedido de ajuda, o seu lamento sobre o amor que falta, que perdeu ou procura, etc.

Mas, por mais trágico que tudo isso seja, pode-se suportar. O insuportável é ter uma necessidade e não poder satisfazê-la, mais ainda, sonhar ou desejar criar uma coisa em palavras e ato e não ser capaz, devido a alguma inibição, sintoma ou angústia.

O que diz Pessoa a esse propósito indica que é fundamental ter uma orelha para a angústia e o desejo de criar. O desejo é o lugar da dúvida e a angústia o lugar da certeza, pois ela é o único afeto que não engana. Podemos duvidar de tudo, inclusive se amamos e somos amados, mas da angústia está-se sempre certo. Por conseguinte, o que se analisa não é a angústia, mas o desejo insatisfeito.

É o desejo insatisfeito que causa o desassossego, por conseguinte, o que chamo a psicanálise do desassossego é a psicanálise do desejo insatisfeito. A psicanálise do desassossego desassossega, pois é uma psicanálise viva, que não procura, nem traz, a paz e o sossego que muitas vezes se espera, porque estes se encontram sobretudo nos cemitérios.

Essa psicanálise pratica-se como uma arte, ou uma literatura, pois, “toda a arte é uma forma de literatura. Porque toda a arte é dizer qualquer coisa. Há duas formas de dizer – falar e estar calado. As artes que não são literatura são as projeções de um silêncio expressivo. Há que procurar em toda a arte que não é literatura a frase silenciosa que ela contém, ou o poema, ou o romance, ou o drama”.⁷

Pessoa disse ainda algo sobre a literatura que se assemelha muito ao que devia ser a psicanálise: “um esforço para tornar a vida real”; porque “como todos sabem, continua ele, até quando fazem sem saber, a vida é absolutamente irreal na sua realidade direta”.⁸

A falta de realidade direta da vida deve-se ao facto dos seres humanos se relacionarem com aquilo a que chamam a “vida” através da palavra falada e escrita.⁹

-
- Edição de Richard Zenith – Assírio & Alvim, 1998, 480 p.
 - Edição de Teresa Sobral Cunha – Relógio d'Água, 2008, 584 p.
 - Edição de Jerónimo Pizarro – (*Livro do Desasocego*, edição crítica) 2 vol. INCM 2010.
 - Edição de Jerónimo Pizarro – Tinta da China, 2013, 608 p.
 - Edição de Teresa Rita Lopes – (*Livro(s) do Desassossego*) Editora Global (Brasil), 2015, 480 p.

⁷ Fernando Pessoa/Álvaro de Campos (http://www.pessoadigital.pt/de/pub/Campos_Toda_a_arte).

⁸ Fernando Pessoa/Bernardo Soares. *Livro do Desassossego* (<https://tintadachina.pt/produto/livro-do-desassossego-bolso/>).

⁹ Cf., por exemplo, “Um renque de arvores lá longe, lá para a encosta | Mas o que é um renque de arvores? Há muitas uma arvore | Renque e o plural arvores não são cousas, são nomes” (<http://arquivopessoa.net/textos/1100>).

“Sou do tamanho do que vejo”¹¹

Esta identificação do ser com a (imagem) vista reforça ainda mais a clivagem entre o órgão da visão do sujeito e o real exterior que o captura.

Um outro exemplo é-nos dado por “entreser”, neologismo que encontramos no *Livro do Desassossego*. Composto da preposição “entre” e do substantivo “ser”, o termo nomeia a falta de ser do sujeito da visão, mas também do tempo verbal (passado, presente e futuro), o intervalo ou interstício do ser a que Pessoa chama também “Nada”.

Nada que não é nada, e sim três vezes nada, uma qualquer coisa que convém colocar na balança da existência. Esse peso poético está bem patente nos primeiros versos de *Tabacaria*, poema que o quotidiano francês *Libération* chamou um dia “o mais belo texto do mundo”¹²:

Não sou nada.
Nunca serei nada.
Não posso querer ser nada.
À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

É, pois, *ex nihilo* que Pessoa afirma: “não só sou um sonhador, mas sou um sonhador exclusivamente”¹³. Ou ainda: “nunca fiz senão sonhar.”¹⁴

A vida é sonho, mas, acrescenta Pessoa, “cada meu sonho ou desejo é do que nasce e não meu”¹⁵. É nesse lugar vazio onde “o criador de tudo é o menos que ali houve”, ou na Outra cena por onde passam várias peças e atores que o inconsciente se manifesta:

Maravilha do inconsciente!
Em sonho, sonhos criei.
E o mundo atónito sente
Como é belo o que lhe dei

Mas porque é que Pessoa invoca o belo — e não o feio e o porco — a propósito da obra que se sonha ou deseja criar? Porque a beleza é — com mostra o esplendor de Antígona enterrada viva — o derradeiro ecrã antes da morte.

É aqui que convém lembrar o que disse Freud sobre o desejo fundamental que o sonho procura realizar, a saber, que é o desejo de dormir, finalmente, o desejo de morte.

¹¹ <https://www.citador.pt/poemas/eu-sou-do-tamanho-do-que-vejo-alberto-caeirobrheteronimo-de-fernando-pessoa> ; <http://multipessoa.net/labirinto/bernardo-soares/15>

¹²

https://www.facebook.com/photo/?fbid=742340304283386&set=a.581560830361335&paipv=0&eav=AbGD0JvVKXjCzigUclXQtX9KUZqKF6-oCfbJwdThDwqC6lu1RV6xpLjodUoYrSveow&_rdr

¹³ <http://arquivopessoa.net/textos/1945>.

¹⁴ <http://arquivopessoa.net/textos/4209>

¹⁵ <http://arquivopessoa.net/textos/277>

O desejo de morte não é a morte real. Mas se o que cada sonhador deseja é dormir para sempre ou morrer, o que pode ser aquilo que Pessoa chama o “desdormir”?

Desdormir é acordar para um Outro desejo, não apenas para o desejo do Outro, mas para o desejo de outra coisa, em particular, para o desejo de criar uma coisa bela.

Finalmente é despertar para aquilo que não é sonho, para o sintoma como o que cada ser vivo e falante tem em si de mais real. Com efeito, é quando o sintoma morde o corpo animado do sujeito, que este é forçado a abandonar o seu confortável soninho e a se confrontar com a sua solidão fundamental.

Pessoa sabia-se radicalmente só, e podia ter permanecido nessa solidão. Mas, como escreve, “a solidão desola-me. A companhia oprime-me. A presença de outra pessoa desencaminha-me os pensamentos.”¹⁶.

Apesar desde descaminho, Pessoa quis sair da sua solidão apostando na “ignóbil necessidade” de publicar o que não cessava de (não) se escrever (nele). É a isso que chama “publicar-se”.

Publicar-se publicando o que escrevia implicava encontrar, não só um editor, como um leitor que conseguisse ler os seus textos, e muito particularmente os “fragmentos, fragmentos, fragmentos” que ia caindo para a “pia” do desassossego, e constituíam o seu “armazém [...] do impublicável”.

Pessoa dá pelo menos duas razões para essa sua publicação: a primeira, como escreve, é que “pregador que sou da renúncia, não aprendi ainda a executá-la plenamente”¹⁷. A segunda é porque “publicar-se - socialização de si-próprio”¹⁸.

Publicar aquilo que considerava ser o livro da sua passagem ou viagem pela vida implicava dar um ritmo e um estilo às peças soltas do desassossego pessoal e político. Só dessa maneira é que o cristal do seu sintoma podia ser socialmente valorizado.

Era preciso inscrever o seu sintoma na relação intersintomática. Mesmo se não existia medida comum entre o que ele escrevia e o reconhecimento público, Pessoa quis mostrar que o seu sintoma não era apenas margem e lixo, que fazia igualmente parte do mal-estar na civilização.¹⁹

Era por assim dizer preciso sair da sua época para poder olhar para ela com os olhos do futuro. Foi essa distância que Pessoa pensou ter alcançado com os seus escritos, papeis de que ele era, forçosamente, o primeiro leitor.

¹⁶ <http://gus-fragmentos.blogspot.com/2009/02/livro-do-desassossego-fernando-pessoa.html>

¹⁷ https://ldod.uc.pt/fragments/fragment/Fr340/inter/Fr340_WIT_ED_CRIT_SC

¹⁸ <http://arquivopessoa.net/textos/4282>

¹⁹ Por exemplo: <https://bibliotecaonline.pt/livro-do-desassossego/>.

Mas ler-se não era suficiente. Era ainda preciso encontrar um Outro leitor, para que a sociedade pudesse compreender um dia “que cumpri, como nenhum outro, o meu dever-nato de interpretar de uma parte de um século”.²⁰

O facto é que a sociedade do seu tempo não o compreendeu. No fundo, isso importava pouco, pois Pessoa sabia que o reconhecimento viria sempre por acréscimo. A sua ética era “dizer bem”, uma exigência com as palavras que o levasse a escrever cada vez melhor. O resto era secundário.

Isso aliviava Pessoa porque, como o menino que procurava satisfazer a sua necessidade vital independentemente do filantropo, ele sabia que o gozo do seu obrar só se experiênciava no corpo próprio. É dessa felicidade ou lucidez radical que testemunha a seguinte parágrafo:

“Gozo a brisa que me dão e a alma que me deram para glosá-la, e não interrogo mais nem procuro. Se o que deixar escrito no livro dos viajantes puder, relido um dia por outros, entrete-los também na passagem, será bem. Se não o lerem, nem se entretiverem, será bem também”.²¹

²⁰ https://triplov.com/fernando_pessoa/bernardo_soares/frag191.htm

²¹ <https://www.portaldaliteratura.com/textos-de-autores.php?texto=31>